

UMA VISITA À UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE

Almira Lins de Medeiros¹
Ayanna Carla de Moraes Gerônimo²
Larissa Pontes Carvalho Gomes³
Antônio Guedes Rangel Júnior⁴

RESUMO: Este trabalho, de cunho etnográfico, relata uma aula de campo do componente curricular Psicologia do Envelhecimento, realizada na Universidade Aberta à Maturidade, na qual se pretendeu uma aproximação entre o discurso da ciência e o da experiência vivida, no que diz respeito ao envelhecimento. Tem como objetivo descrever aspectos da velhice experienciada por mulheres, alunas da instituição. Como ferramenta de investigação da subjetividade utilizou-se a escuta psicológica. A dimensão privilegiada foi a das relações afetivas. A família revelou-se como lugar de afeto do amor dos filhos e dos netos, como desejo de proteger a descendência, atuar como conselheiro e mentor. Também como espaço de violência simbólica que interfere nessas relações. Identificou-se a importância da dimensão espiritual, do contato com a transcendência que proporciona sentido à existência material e serve suporte para lidar com eventos incontroláveis. As relações sociais e de companheirismo que construíram na UAMA resignificaram o viver.

Palavras-chave: Envelhecimento; Escuta; Relações afetivas.

INTRODUÇÃO

Com o aumento da população de idosos, em meio às mais variadas representações da velhice, o processo de envelhecimento, nas suas diversas nuances, tem se tornado objeto do conhecimento científico. A produção científica, sobre o processo, tem se constituído como parte integrante, obrigatória, do currículo de vários cursos de graduação.

O componente curricular Psicologia do Envelhecimento, do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tem como objetivo apresentar conceitos fundamentais da psicologia do envelhecimento, debater as problemáticas de ordem biopsicossocial que permeiam os campos do envelhecimento e da velhice.

Entre outros temas pertinentes ao envelhecimento humano, os estudos em Psicologia do Envelhecimento têm privilegiado: história, conceitos e teorias; aspectos da personalidade,

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, almiralins@uol.com.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ayannacarla10@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, larissapontesg@gmail.com;

⁴ Professor Orientador: Psicólogo, doutor em Educação, reitor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rangeljunior@msn.com.

aprendizagem, percepção, memória e linguagem, autoimagem, autoestima; relações familiares e intergeracionais; perdas, morte e luto; enfrentamento e desordens mentais; envelhecimento, qualidade de vida e cuidado e síndrome da fragilidade.

A UEPB, em resposta às questões trazidas pelo envelhecimento da população, mantém a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), que faz parte da Coordenadoria Institucional Especial para a Formação Aberta à Maturidade (CIEFAM/UEPB)⁵. Esta coordenadoria, visando uma melhor qualidade de vida e o envelhecimento ativo e bem-sucedido, além da UAMA, abrange programas de pesquisa e extensão que integram professores de diferentes departamentos e campus da UEPB e idosos de diversos estratos sociais.

Identificamos a instituição como uma das iniciativas, no âmbito da academia, que buscam dar respostas às consequências sociais decorrentes da transição demográfica, em curso no mundo e também no Brasil. Aliam-se às determinações de governo deste processo, ao conjunto das nações desencadeadas pelo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU) e àquelas advindas da Política Nacional de Saúde do Idoso do Estado brasileiro. Também respondem as indicações relativas à necessidade de universalizar o acesso às diferentes formas do saber indicadas no Estatuto do Idoso.

A UAMA, propondo-se à atender a demanda educativa de idosos a partir dos 60 (sessenta) anos de idade e contribuir para melhoria de suas capacidades pessoais, funcionais e socioculturais, mantém o curso Educação para o Envelhecimento Humano nos Campus I (Campina Grande), II (Lagoa Seca) e III (Guarabira) da UEPB.

Enquanto alunas do sétimo período do curso de Psicologia da UEPB, cursando o componente curricular Psicologia do Envelhecimento, desenvolvemos uma atividade movida pelo princípio da relação teoria-prática. Como proposta pelo seu ministrante, o intuito era de que se pudesse fazer uma relação entre o conhecimento adquirido sobre o envelhecimento, por meio do trabalho em aula, e o advindo da experiência de vida dos idosos que estudam na UAMA; que se procedesse uma aproximação entre o envelhecimento do discurso da ciência, enquanto objeto da disciplina, e o da experiência vivida.

Com este intuito, visitamos a UAMA de Campina Grande e mantivemos contato com os alunos que frequentam o curso acima referido. Decorrente desta vivência, o presente trabalho, de cunho etnográfico enquanto relato de experiência de aula de campo, tem como objetivo descrever aspectos da velhice experienciada por mulheres, alunas da instituição.

⁵ Os dados sobre a CIEFAM e a UAMA foram obtidos no seguinte endereço: <http://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/sobre-a-uama/>.

METODOLOGIA

A aula de campo é uma estratégia didática que favorece o contato direto com o objeto de estudo, no caso em questão, com o envelhecimento e aspectos a ele relacionados. Permite reconhecer particularidades que dificilmente poderiam ser identificadas, apenas, a partir de leituras. Também amplia o espírito crítico e investigativo.

Como se buscava adensar conhecimentos sobre o processo de envelhecimento, e, nesse sentido, se pretendia, no contato com idosos, obter detalhes esclarecedores sobre como ele era vivenciado, utilizamos a escuta, como ferramenta de investigação da subjetividade.

A psicanálise enfatiza a importância de resgatar a singularidade da pessoa por meio de sua fala e de sua palavra (BASTOS, 2009). A escuta “coloca em movimento o sujeito, fazendo-o falar, deparar-se com seu não saber, com suas dúvidas acerca de si e do mundo”. (BASTOS, 2009, p. 94). Nesse sentido, apresenta-se como uma estratégia de comunicação essencial para a compreensão do outro, pois é uma atitude de interesse e respeito.

Já para a abordagem centrada na pessoa, uma escuta efetiva muito tem a ver com estar aberto e atento ao significado presente nas entrelinhas do que foi expresso, seja através de palavras, gestos e até pelo silêncio. A escuta deve ser empática e compreensiva, respondendo não apenas às palavras do cliente, mas à totalidade da comunicação do outro (MIRANDA; FREIRE, 2012, p. 88).

O uso da escuta psicológica tornou-se pertinente quando se tinha o propósito de conhecer como as alunas da UAMA experienciam sua velhice. O relato de cunho etnográfico foi a maneira encontrada para registrar essa vivência, em sua intensidade.

DESENVOLVIMENTO

O envelhecer, apesar de ser uma crônica anunciada, surpreende a todos. Somos tomados pela surpresa quando, pela primeira vez, somos chamados de senhor ou de senhora. Mas a novidade não para de se inscrever, e aos sobressaltos aparecem novas revelações: as dores, as rugas, as limitações, as reações de resistência. Atualmente, a novidade tem se tornado coletiva para o planeta, inclusive para países considerados jovens, a exemplo do Brasil (ARRUDA, 2012).

Em função dos idosos corresponderem a uma parcela representativa da população em termos numéricos, a velhice, antes velada por uma “conspiração” do silêncio, hoje é tema privilegiado quando se discutem políticas públicas nas definições sobre mercado e opções de lazer, e até mesmo nas interpelações eleitoreiras. Na socialização progressiva da gestão da

velhice, antes considerada como de esfera privada, própria da vida familiar, são criados novos campos do saber e instituições encarregadas da formação de especialistas em envelhecimento. Nessa perspectiva, são acionadas tentativas de homogeneização das representações da velhice e de produção de uma categoria cultural que viabilize a gestão de idosos (DEBERT, 2012).

Neri (2006) identificou significados e crenças, que vão sendo construídas pelos efeitos da mídia e contribuem para a homogeneização a que Debert se refere. Observou que a velhice tem sido utilizada, em canais de comunicação social, como sinônimo de história, de memória; para realçar valores culturais básicos, também associada à morte, a um declínio irreversível, à doença. As pessoas idosas têm sido descritas como pacientes, sábias, bem como crianças, sem obrigação de seguir as normas sociais que regulam a vida dos adultos. Os idosos ainda são vistos como pouco ágeis, feios, tristes e a velhice é compreendida como *fardo social*, um problema de saúde pública.

As representações da velhice, baseadas em supergeneralizações e supersimplificações, influenciam a maneira como se reage à uma pessoa idosa, uma vez que as relações, entre as pessoas, dependem de impressões, concepções construídas socialmente – e as relações afetivas se inscrevem a partir delas.

O afeto pode ser considerado como “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza” (CODD; GAZZOTTI, 1999, p. 48-59). Portanto, nessa visão, afeto, tendo como elemento básico a afetividade, é tudo aquilo que nos afeta, não se limitando às emoções ‘positivas’ ou agradáveis, como é compreendido no senso comum. Afeto diz respeito, também, à raiva, ao medo, à tristeza.

O ser humano, para muitos autores, é considerado como entidade social pelas relações de suporte mútuo, ou seja, no modo como as pessoas estabelecem vínculos entre si. O conjunto destas relações, considerando sua dinâmica ao longo de uma vida, é denominado rede afetiva e social. A presença de rede é caracterizada quando o sujeito mantém vínculos com outros indivíduos, que possam ser determinados em número, frequência, composição familiar, atividades sociais, voluntárias e, além disso, em qualidade dos vínculos estabelecidos (GREG, 2003).

A rede afetiva e social está diretamente relacionada com a capacidade individual de “lidar com as demandas e os problemas da vida diária”, cujo aspecto mais importante está em requerer “adaptações contínuas” (GRIEP, 2003, p. 380). Com isto, a relação da rede afetiva e

social está relacionada com o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que as transformações no ambiente e as habilidades que sua rede ensina impossibilita que repertório seja sempre o mesmo.

O fundamento da rede afetiva e social está em proporcionar o contato, o qual fornece ao sujeito a oportunidade da experiência, sendo esta, em termos práticos, a própria aprendizagem. Nesse sentido, a rede tem função fundamental na manutenção da saúde de seus integrantes. O idoso, devido às próprias condições biológicas, tem muitas vezes uma carência afetiva maior em relação às pessoas de outras faixas etárias. No entanto, é na velhice que as redes afetivas e sociais têm maior relevância para a adaptação, por moderar a influência dos riscos e das perdas físicas, psicológicas e sociais sobre a funcionalidade física e cognitiva e sobre o bem-estar subjetivo.

Para Leite et al (2008, p. 251), a família configura-se enquanto um espaço natural de proteção e de inclusão social, sendo o primeiro lugar ao qual pertencemos e constitui-se como suporte para o enfrentamento de dificuldades cotidianas. Os laços sociais possuem influência também no estado de saúde, tendo em vista que, uma vez rompidos, alteram as defesas orgânicas do organismo e podem deixar o sujeito mais suscetível às doenças.

Levando em consideração que os idosos, com o avançar da idade, tendem ao afastamento das relações sociais e limitam-se mais ao lar (LEITE et al, 2008, p. 251), a família ocupa um lugar ainda mais importante de apoio, proteção e cuidado, desenvolvendo o mesmo papel primordial que antes, nos primeiros anos de vida. Vale ressaltar, no entanto, que muitos idosos não possuem vínculos familiares ou encontram-se em um convívio permeado de afetos negativos, da mesma forma que outros são independentes e autônomos. Inúmeras são as formas de se viver a velhice, porém, redes afetivas e sociais são primordiais para a manutenção da saúde do idoso como um todo. Independentemente da idade, o isolamento e o abandono possuem impactos nocivos ao indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No dia 08 de abril de 2019, às nove horas, ao chegarmos à UAMA, encontramos um grupo de idosos reunidos em volta de uma mesa na qual estava sendo servido o lanche: café, chá e alguns petiscos como acompanhamento. Nesse primeiro contato, percebemos que eles se sentem à vontade no lugar, como se estivessem em sua própria casa. Fomos recebidos de forma acolhedora, de tal maneira que também passamos a nos sentir confortáveis.

Após esse primeiro momento, fomos conduzidos para uma sala na qual os estudantes da UAMA estavam reunidos. Alguns idosos conversavam entre si, como se já houvessem estabelecido um laço de amizade entre eles, enquanto outros idosos prestavam atenção no que estava sendo falado pelo Professor Rangel Júnior, demonstrando estar animados com a atividade por ele proposta. Entre os idosos que frequentam a UAMA, é visível a feminização do envelhecimento, o número de mulheres que estudam na instituição é consideravelmente maior que o número de homens (CHAIMOWICZ, 2013).

Durante todo o encontro, ficou bastante perceptível que a UAMA, para os idosos que a frequentam, não se constitui apenas em um espaço de garantias do direito de que “todas as pessoas devem ter a oportunidade de continuar *aprendendo ao longo da vida*” (ONU, 2003, p. 14), mas ocupa também um lugar de acolhida, abrigadouro que proporciona a construção de laços afetivos, entre os colegas, entre eles e os que coordenam a instituição e também com alunos da UEPB ou de outras instituições que os visitam, configurando-se como espaço de convivência entre gerações (PACHECO, 2013).

Assim, a UAMA se coloca como espaço que permite a reversão, ainda que parcial, do isolamento na velhice. Enquanto “lugar” de encontro, onde os idosos podem se expressar e serem ouvidos/percebidos, tecer novos laços afetivos que ressignificam “o viver”, nessa fase da existência. Pareceu-nos que laços afetivos que se constituíram nesse espaço, com ele mesmo e com o projeto ali é desenvolvido, influenciam no envolvimento dos alunos idosos nas atividades que lhes são sugeridas.

Como proposta pelo professor Dr. Antônio Guedes Rangel Júnior, a atividade foi desenvolvida em dois momentos: no primeiro momento foi realizada uma conversa/discussão em pequenos grupos, formados por estudantes de psicologia e da UAMA. No segundo momento, foram reunidos todos alunos da UAMA e de psicologia para que compartilhassem as experiências vivenciadas em cada grupo.

Integraram o grupo, do qual fizemos parte, as alunas da UAMA Ametista, Esmeralda, Granada⁶. Depois que nos identificamos, Granada foi a primeira a se apresentar – casada, quatro filhos dos quais três residem com ela; Esmeralda, a segunda, separada, tem três filhos, apenas um ainda é vivo e este mora em São Paulo. Atualmente, ela reside com uma irmã que se encontra paraplégica. Por fim, Ametista se apresentou: é separada, tem três netos com os quais mantém proximidade.

⁶ Como a nossa conversa girou em torno de afeto que envolviam relações familiares, achamos por bem substituir o nome das alunas da UAMA, envolvidas, pelo de pedras preciosas.

A nossa conversa foi direcionada para as relações afetivas, especialmente para as mantidas com os familiares. Ametista fala da relação com os netos, entendendo esta como uma relação de amor que se distancia daquele que se dedica a um filho. Para ela *amor da avó vem com carinho diferente, o amor de mãe precisa ter maior responsabilidade*. Registra que as expressões deste sentimento se modificam quando os netos crescem, quando *ficam mais independentes, e também com vergonha*. Entende que essas relações sofrem interferência dos pais; no seu caso, especialmente da interferência da nora que parece ter ciúmes e, assim, não se furta em intrometer-se entre ela e o neto proibindo que os dois, em determinados momentos, fiquem juntos. Quando se perguntou como era para ela receber “esse amor de neto”. Ela responde que *é um cuidado diferente, que atende à sua necessidade de ser importante para alguém, necessidade de materializar esse afeto através de gestos de carinho*.

A fala de Ametista sobre interferência de sua nora na relação com o seu neto nos remete a uma violência intrafamiliar, de natureza simbólica, posto que a ação da nora, por meio do poder que exerce sobre o filho, priva ela e o neto da companhia que um poderia fazer ao outro, do aprofundamento dos laços de amor que os une (MINAYO, 2014).

De acordo com Neri (2008), a primeira necessidade afetiva dos seres humanos é o amor e este pode ser concebido através de três formas de manifestação: Eros, filia e ágape. O amor Eros associado à intimidade remete ao desenvolvimento do self. A intimidade está também a serviço do cuidado que se traduz no cumprimento de três conjuntos de ações: a de educar e proteger a descendência, a de criar ideias, valores, bens materiais e espirituais, e, a de oferecer e manter esses elementos. Essas ações encontram sua máxima impressão na meia idade por meio da geratividade. Na velhice, a geratividade se revela como desejo de atuar como conselheiro e mentor (NERI, 2008).

O desejo de atuar como conselheiro/mentor é visto com bastante frequência no discurso de Ametista, que ao falar do seu papel como avó pontua a importância de passar para os netos os seus ensinamentos: *“Eu fico puxando e orientando, dizendo o que é certo, o que é errado, o que não deve ser feito. Muitas vezes ela diz: Oh! vovó, isso é cafona demais. Eu digo: é não”*, relata.

Esmeralda narra a sua relação com os filhos. Considera que há uma ligação entre eles, enquanto espíritos, e ela, enquanto encarnada. De certa forma considera todos vivos e não apenas aquele que se encontra em São Paulo, buscando a realização de seus sonhos, de ser engenheiro químico formado pela Universidade Federal de São Paulo. Entende que a filha, cuja gestação foi interrompida espontaneamente, vive de alguma forma em uma dimensão espiritual.

Também seu filho, que “se foi” aos quatorze anos, depois de passar noventa dias em coma vígil. A perda desse filho representa “*um buraco, uma lacuna*” que remete à depressão que lhe sobreveio depois dela. Diz que muitas vezes, ao se encontrar triste, sente a sua presença. Uma presença que lhe traz força e lhe reanima. Sem querer contradizê-la, a colega Granada lembra da atuação do anjo da guarda em nossas vidas. Esmeralda prossegue explicando os acontecimentos de sua vida a partir da fé: “*eu tinha que cuidar de minha irmã*”. Também reconhece que “*hoje eu não posso dizer que tenho um lar, mas meus afetos estão na minha família e nos meus amigos*”.

A importância da dimensão espiritual entre idosos, tal como presente nas falas de Esmeralda e Granada, certamente se funda na convicção de que, por trás das coisas visíveis há um rosto invisível que sorri, presença amiga que nutre horizontes utópicos que transcendem a dimensão terrena que remete à finitude, tão “presente” nessa fase da vida (ALVES, 1984).

Neri (2008), com a sua discussão sobre necessidades afetivas, indica uma outra interpretação para a relação com o espiritual presente nessas falas. Para esta autora, o amor manifestado enquanto ágape coloca os seres humanos em contato com a transcendência que proporciona sentido à existência material. O senso de transcendência pode servir como suporte para lidar com eventos incontroláveis, cuja probabilidade de ocorrência aumenta na velhice. Os idosos que são mais capazes de atribuir sentido ao sofrimento e de lidar com sentimentos e as cognições, são menos propícios a doenças e à vulnerabilidade psicológica.

Granada parecia não ter necessidade de falar, todavia, quando Esmeralda se referiu ao filho que partiu como aquele com o qual tinha maior proximidade, afirmou que para ela não havia “cadeira dourada” para um único filho, todos sentavam na cadeira dourada. Lembrou da luta que teve que empreender para não permitir que abandonassem os estudos quando ficou desempregada. Nessa situação e com o passar do tempo sentiu/pensou “*tô ficando pra trás, ninguém sabe que eu existo e foi no voluntariado que eu escapei*”.

Com o tempo de conversa esgotado, perguntamos como havia sido para elas terem um espaço para falar, naquele momento, e obtivemos a seguinte resposta: “*Expôr essa opinião minha é mostrar que estamos aptos para ajudar o outro, ajudar a si mesmo e aqui temos uma ajuda entre nós, nós no conjunto estamos compartilhando experiências*”.

Neri (2008) afirma que o aspecto do amor identificado como amizade ou filia remete à noção de rede de relações sociais e de companheirismo. A existência de uma rede de relações oferece garantia de pertencimento. Essa ideia é vista na fala de Granada, para ela: “*quando você está cercado de família ou participa de grupos, a gente conversa, troca ideias, você recebe*

ajuda e ajuda". Assim, o grupo auxilia a interpretação das expectativas pessoais e grupais, e avaliação das próprias realizações e competências, com base em processo de comparação social e temporal. Os idosos precisam das relações sociais para saber que são amados, cuidados e valorizados.

Sáimos da primeira parte da atividade com a impressão de que a família é lugar de afeto e de solidão. Tal como afirma Zimmerman (2000), ela é de importância capital para os indivíduos idosos, as relações de reciprocidade entre os seus membros são vitais para o seu bem-estar. Mas também é "lugar por excelência das emoções, da privacidade e da intimidade, que os dramas individuais ocorrem fundamentalmente" (BERNARDO, 2005, p.77).

No segundo momento, foi pedido para que todos os grupos se reunissem e compartilhassem a experiência que tiveram, tanto os alunos de psicologia como os alunos da UAMA tiveram a oportunidade de falar. Os alunos de psicologia começaram a falar, e mais à frente os idosos pediram a palavra e relataram sua experiência. Entre os alunos de psicologia, foi recorrente a fala da importância de relacionar a teoria e a prática, do quão significativo foi a oportunidade de ter contato com a velhice enquanto experiência vivida.

Na fala dos estudantes da UAMA, foi percebido que a instituição se constituir como "espaço" onde os idosos se sentem sujeitos. Podem falar e serem ouvidos/percebidos, desenvolver laços afetivos que proporcionam para os idosos uma nova possibilidade de ver a vida. Os laços afetivos formados nesse espaço, não se restringem apenas ao lugar físico, mas também com o projeto ali desenvolvido, com os membros do grupo e com os coordenadores do projeto.

Para além do amor, Neri (2008) identifica outras necessidades afetivas tais como a alegria, o domínio, controle e autonomia. A alegria se associa à exploração do ambiente por meio do lazer, da exploração das relações com outras pessoas. A presença de afetos positivos resultantes dessas interações está relacionada com maior longevidade, respostas mais adaptativas, mais recursos cognitivos, senso de auto eficácia, capacidade de aliciar suporte social, autocuidado e melhor saúde física (NERI, 2008).

As crenças sobre capacidade física e cognitiva e a resiliência emocional funcionam como recursos adaptativos importantes na manutenção do bem-estar subjetivo e da funcionalidade. Desta maneira, esse conjunto de necessidades afetivas se relacionam mutuamente, as manifestações do amor ligam se à alegria, à exploração e ao desfrute que, por sua vez, ligam-se ao domínio, à autonomia e à realização, colaborando para construção de afetos positivos e contribuindo para o senso de auto realização e o senso de auto eficácia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira e os idosos, que dela fazem parte, terão que reinventar os modos de viver e conviver em função das modificações na nossa pirâmide populacional. A Psicologia e seus profissionais, certamente, deverão construir e já constroem respostas às demandas que se derivam de tais modificações.

A visita à UAMA/UEPB nos possibilitou entrar em contato com o sujeito idoso, e a sua história, fazendo uma leitura de experiências de vida à luz de conhecimentos teóricos. Nos indicou a importância de oferecer aos idosos momentos de escuta, onde eles possam se expressarem, serem ouvidos e percebidos, espaços que eles possam se sentir acolhidos, e que favoreça a formação de laços afetivos e sociais, a troca de experiência entre eles.

No cuidado com a pessoa idosa, a escuta pode minimizar as angústias e diminuir o sofrimento do indivíduo, pois o diálogo que se desenvolve, possibilita ao sujeito se ouvir, induzindo-o a uma autorreflexão. Além disso, o ato de ouvir assume que há algo para se ouvir, oferecendo a este a oportunidade de falar e expressar-se.

Nesse sentido, observamos a necessidade de os profissionais de saúde pensarem o uso da estratégia da escuta em sua prática clínica, já que esta apresenta-se como uma intervenção que coopera com o bem-estar do indivíduo. No entanto, é importante atentar para a necessidade da capacitação dos profissionais e estudantes da área de saúde, para a realização de tal atividade.

Percebemos a importância da existência de projetos desenvolvidos para população idosa, que possibilitem a criação de uma rede de relações que ofereça ao idoso a sensação de pertencimento, tendo em vista que o grupo auxilia a interpretação das expectativas pessoais e grupais, e avaliação das próprias realizações e competências, com base em processo de comparação social e temporal.

A visita à UAMA ensejou a superação da transmissão de conhecimentos no componente curricular Psicologia do Envelhecimento e proporcionou um “momento de escuta” para as idosas, uma vez que, na conversa sobre relações afetivas, elas puderam externar angústias e expressar sentimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

ARRUDA, Ângela. Envelhecer: uma novidade? In: TURA, Luiz Fernando Rangel; SILVA, Antônia Oliveira (Orgs). **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012. p. 19-33.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Iziq. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicol. inf.**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 91-98, out. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v13n13/v13n13a06.pdf>. Acesso em 05 jun. 2019.

BERNARDO, Kátia Jane Chaves. As relações intergeracionais e a violência familiar contra o idoso. In: MOTTA, Alda Britto da.; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Maria Queiroz de Carvalho. (Org.). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. p. 75-86.

CHAIMOWICZ, Flávio. Transição Demográfica. In: _____. **Saúde do Idoso**. Belo Horizonte: NESCON UFMG, 2013. p. 16-26.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andra Alessandra. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. (coord.) **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.48-59.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

GRIEP, Rosane Harter; CHOR, Dora; FAERSTEIN, Eduardo; LOPES, Cláudia. Confiabilidade teste-reteste de aspectos da rede social no Estudo Pró-Saúde. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 379-385, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n3/15868.pdf>. Acesso em: 8 de junho 2019.

LEITE, Marinês Tambara; BATTISTI, Iara Denise Endruweit; BERLEZZI, Evelise Moraes; SCHEUER, Ângela Inês. Idosos residentes no meio urbano e sua rede de suporte familiar e social. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 250-257, junho, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Múltiplas faces da violência contra a pessoa idosa. In: **Mais 60-Estudos sobre envelhecimento**. SESC, v. 25, n. 60, julho, 2014.

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; FREIRE, José Célio. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 78-94, abr. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v64n1/v64n1a07.pdf>.

NERI, Anita Liberalesso. Saúde e envelhecimento: prevenção e promoção - As necessidades afetivas dos idosos. In: **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social**. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008. p. 103-110.

_____. Atitudes e crenças sobre a velhice: análise de conteúdo de textos de jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: _____. CACHIONI, Meire (Orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2006, p. 13-54.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**, 2002/Organização das Nações Unidas. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 (Série Institucional em Direitos Humanos, v.1).

PACHECO, Jaime Lisandro. As Universidades Abertas à Terceira Idade como espaço de convivência entre gerações. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2006, p. 223-250.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.